
EPÔNIMOS EM TEXTOS CIENTÍFICOS: Apontamentos teóricos

Eponyms in scientific texts: theoretical notes

Maria Cristina Piumbato Innocentini Hayashi (1)

(1) Universidade Federal de São Carlos, Brasil, dmch@ufscar.br.



Resumo

Epônimos são fenômenos linguísticos presentes na linguagem científica de vários domínios da ciência. Visando contribuir com novos temas e objetos de estudo no campo da Ciência da Informação este artigo aborda aspectos sobre a eponímia na ciência e a relação entre epônimos e análise de citações em textos científicos. Adotou-se a metodologia de revisão crítica da literatura da Sociologia da Ciência e da Ciência da Informação, por meio da análise de clássicos da literatura dessas duas áreas e de outros estudos sobre eponímia tendo como fonte de dados o Portal de Periódicos Capes. Os resultados apontaram a origem, função e limitações dos epônimos em textos científicos, as controvérsias sobre o seu uso na comunicação médico-científica, a sub-representação feminina nos epônimos de várias ciências, a relação entre epônimos e citações, e a ocorrência da obliteração por incorporação em textos eponímicos. Concluiu-se que o estudo dos epônimos contribui para ampliar a compreensão sobre o reconhecimento científico na ciência, e que sua presença em textos científicos é desafiadora para os estudos bibliométricos devido a ocorrência do fenômeno da obliteração por incorporação e às dificuldades relacionadas à sua identificação e extração em bases de dados científicas.

Palavras-chave: Epônimos; Reconhecimento Científico; Sociologia da Ciência; Bibliometria; Obliteração

Abstract

Eponyms are linguistic phenomena present in scientific language in various fields of science. Aiming to contribute to new themes and objects of study in the field of Information Science, this article addresses theoretical and methodological aspects of eponymy in science and the relationship between eponyms and the analysis of citations in scientific texts. The methodology of critical review of the Sociology of Science and Information Science literature was adopted, through the analysis of classics from the literature of these two areas and of other studies on eponymy through data collection in the Portal de Periódicos Capes. The results pointed out the origin, function and limitations of eponyms in scientific texts, the controversies about their use in medical-scientific communication, the female underrepresentation in eponyms of various sciences, the relationship between eponyms and citations, and the occurrence of obliteration. by incorporation into eponymic texts. It was concluded that the study of eponyms contributes to broadening

the understanding of scientific recognition in science, but that its presence in scientific texts is challenging for bibliometric studies due to the occurrence of the phenomenon of obliteration by incorporation and the difficulties related to its identification and extraction in scientific databases.

Keywords: Eponyms; Scientific recognition; Sociology of Science; Bibliometrics, Obliteration by incorporation

1 Introdução

Eponímia [na ciência] é, portanto, ao mesmo tempo um dispositivo mnemônico e comemorativo. (Merton 1973 p. 273)

Enquanto fenômeno linguístico, os epônimos – pessoas ou coisas, reais ou fictícias, de quem se diz que algo leva o seu nome – estão presentes em vários domínios da ciência. Na perspectiva da Sociologia da Ciência mertoniana os epônimos fazem parte do sistema de recompensas da ciência, pois sinalizam de maneira duradoura a contribuição original dos autores eponimizados para o avanço do conhecimento nos seus campos científicos. (Merton 1957; 1965; 1988). De acordo com essa visão, o reconhecimento e a estima são atribuídos àqueles que melhor cumpriram suas funções e fizeram contribuições genuinamente originais para o estoque comum de conhecimento. Ou seja, “o reconhecimento da originalidade torna-se um testemunho socialmente validado de que alguém cumpriu com sucesso os requisitos mais exigentes do seu papel como cientista”. (Merton 1957 p. 640) Assim, a eponímia está no topo da lista das formas mais variadas de reconhecimento científico, embora esse fenômeno na ciência não seja isento de implicações, pois sem uma referência formal indexada ao trabalho do descobridor a prioridade da descoberta e o reconhecimento ficam obliteradas.

No campo da Ciência da Informação, a eponímia na ciência foi originalmente abordada nos estudos de citação quando Garfield (1965) e posteriormente Weinstock (1971) elencaram os conceitos eponímicos entre os quinze motivos específicos para o uso de citações pelos pesquisadores, e citaram como exemplos a doença de Hodgkin, a Lei de Pareto, e a Reação de Field-Crafts. Assim, por meio da linguagem científica esses signos linguísticos nos lembram, como referiu Garfield (1983 p.393), “que a ciência e o conhecimento resultam do trabalho de pessoas dedicadas”.

Garfield (1973) também abordou as implicações da citação eponímica para a indexação, que ocorre na forma de citação implícita, isto é, quando a referência pertinente deixa de ser citada ou é incompleta porque o autor assume que o leitor saberá que a teoria, método ou técnica referida no texto faz parte de seu conhecimento e não necessita ser explicada ou verificada.

É na relação entre epônimos como reconhecimento científico e a análise de citações que as teorias da Sociologia da Ciência e Ciência da Informação convergem em busca de explicações para a emergência e significado do fenômeno da eponímia na ciência. Assumindo essa perspectiva, este artigo teve como ponto de partida a seguinte questão: quais são as bases teóricas da Sociologia da Ciência e da Ciência da Informação que permitem compreender a presença de epônimos em textos científicos? Para responder essa pergunta estabeleceu-se como objetivo revisar e analisar textos clássicos e atuais dessas áreas de conhecimento sobre a eponímia na ciência. O estudo justifica-se em função da ausência de estudos brasileiros na área de Ciência da Informação que abordem essa temática, merecendo, portanto, receber maior atenção.

Esse artigo (1) sobre epônimos na ciência faz parte de um programa de pesquisa mais amplo que tem se dedicado a investigar o sistema de recompensas na ciência (2) a partir de novos objetos de estudo no campo da Ciência da Informação, como por exemplo, os agradecimentos, as resenhas e entrevistas em periódicos científicos, os obituários acadêmicos e as epígrafes em textos científicos (Hayashi 2018; 2019; 2021, 2022).

2 Procedimentos metodológicos

Creio, portanto, que devo expor, com algum detalhe, como realizo o meu ofício. É uma declaração pessoal necessária, mas escrita com a esperança de que outros, especialmente os que iniciam um trabalho independente, a tornarão menos pessoal, pelo fato de sua própria experiência. (Mills 1982 p. 211)

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica (Pizzani et al. 2012) que adotou a abordagem metodológica da revisão crítica da literatura (Grant e Booth 2009), pois foi além de uma mera descrição da literatura científica sobre epônimos ao analisar extensiva e criticamente as contribuições conceituais de diversos autores sobre essa temática buscando identificar seus aspectos mais significativos para a compreensão do reconhecimento científico na ciência.

O ponto de partida dessa revisão foi o conhecimento prévio da literatura sobre a eponímia abordada nos clássicos da Sociologia da Ciência e da Ciência da Informação e a sua complementação mediante a busca e análise de outros estudos que focalizaram esse fenômeno em uma perspectiva diacrônica.

Para tal, foram coletados dados no Portal de Periódicos Capes, escolhido pela representatividade de suas bases científicas e complementado por meio de buscas no *Google Scholar*, selecionado por ser uma ferramenta de busca na Web que reúne expressivo conteúdo científico indexado. A coleta de dados ocorreu no período entre 14 de março e 30 de abril de 2022.

Para as buscas foram utilizados os termos “eponyms”, “eponymous” e “eponymy” sem, contudo, restringir resultados de outros idiomas e tampouco foi utilizado limite temporal para a recuperação dos dados com o intuito de abranger o maior número possível de documentos. As buscas foram encerradas quando os resultados obtidos atingiram o ponto de saturação, isto é, passaram a ser repetitivos e desse modo deixaram de contribuir para o processo de síntese do conhecimento sobre a temática pesquisada. Os dados obtidos foram registrados em uma planilha Excel. Foram excluídos os textos repetidos, as resenhas de livros, e aqueles que após a leitura não se adequaram ao escopo da pesquisa por apresentarem os termos de busca apenas no título, resumo ou palavra-chave, ou então por abordar o epônimo e/ou a eponímia de modo incidental, isto é, sem aprofundamento.

O *corpus* selecionado para essa revisão foi composto por literatura científica majoritariamente internacional das áreas de Sociologia da Ciência e Ciência da Informação representada por documentos (n=85) com a seguinte tipologia: artigos científicos (n=69), dicionários (n=6), capítulos (n=5), livros (n=5), e um trabalho em evento, os quais foram lidos integralmente visando identificar os elementos teóricos e metodológicos relacionados aos epônimos na ciência.

3 Origens, funções e implicações do uso de epônimos na ciência

Muitos dos epônimos usados atualmente foram introduzidos desde o surgimento da ciência moderna nos séculos XVI e XVII. (Garfield 1983 p.383)

Etimologicamente, a palavra “epônimo” tem origem no vocábulo grego *epónymos*, que significa “nomeado após”, formado por *epi* (acima, sobre) e *ónoma* (nome) e é utilizada para se referir àquele que dá ou empresta o seu nome a alguma coisa. Na Grécia Antiga havia o herói, a divindade e o arconte epônimos, que eram pessoas renomadas cujos nomes eram utilizados para nomear tribos, anos, dinastias e até mesmo uma cidade, como é o caso de Constantinopla, que teve como herói epônimo o Imperador Constantino. Esses exemplos mostram como a maioria dos epônimos derivam de um antropônimo ou topônimo. Na atualidade, o conceito de epônimo mantém algumas dessas aplicações para honrar a memória de pessoas ou de heróis, e pode ser utilizado como adjetivo, substantivo ou verbo.

Do ponto de vista linguístico, os termos eponímicos podem ser analisados à luz dos modelos teóricos da Onomástica e Terminologia, disciplinas que estudam, respectivamente, os nomes próprios e o vocabulário de áreas técnicas e científicas, conforme elucidam Silveira e Barros (2006). As autoras explicam que epônimo é o nome próprio, e eponímico se refere ao adjetivo que qualifica o termo que apresenta um epônimo em sua formação. Avançando o raciocínio, podemos complementar dizendo que eponímia é a teoria ou o conjunto de epônimos, eponimizado(a) é aquele(a) que tem seu nome atribuído a um epônimo, e eponimofilia é o termo que descreve a propensão pelo uso de epônimos para reconhecer mais facilmente padrões patológicos complexos, como ocorre com frequência na prática médica de algumas especialidades, entre elas a Reumatologia e a Neurologia (Matteson e Woywodt 2006).

Epônimos também foram organizados em dicionários de interesse geral ou especializados em várias disciplinas (Freeman 1997; Ruffner 1977; Beeching 1990; Trahair 1994; Segura e Braun-Rodríguez 2004; Whonamedit? 2022). Contudo, a maioria desses dicionários é monolíngue, não apresentando as contrapartes dos epônimos em outra língua e cultura, e desse modo pode dificultar a compreensão de cada epônimo.

A eponímia como forma de reconhecimento científico está presente em várias áreas de conhecimento. No campo das ciências médicas, por exemplo, os epônimos geralmente são nomes

de distúrbios associados a indivíduos que originalmente descreveram ou apresentaram tais condições, isto é, as doenças não são nomeadas apenas pelos pesquisadores que as identificaram, mas às vezes os pacientes podem ser os médicos que estudaram sua própria patologia. (Bader e Shipaman 2017). Os epônimos originados de nome próprio (Doença de Chagas); de substantivos comuns (Schwanoma, tumor do sistema nervoso periférico derivado das células de Schwann); verbalizados (pasteurizar), adjetivados (parkinsoniano) ou substantivados (parkinsonismo) por oposição ao epônimo mantidos pelos nomes próprios (Pasteur e Parkinson). Assim, as seguintes questões estão envolvidas na eponímia médica:

a) as divergências na comunidade médica sobre o uso de epônimos, com grupos que condenam essa prática alegando que os epônimos não possuem nenhuma informação descritiva e funcional, e são usados com diferentes significados (Duque-Parra et al. 2018), em oposição àqueles que defendem o seu uso por representarem uma economia na comunicação médica e uma lição na história da medicina, pois permitem compreender sua evolução e o desenvolvimento de especialidades. (Fuentes-Díaz 2012)

b) questões éticas envolvidas com epônimos de cientistas vinculados ao regime nazista, tais como: a síndrome de Reiter, uma forma de artrite reativa, a granulomatose de Wegener, um tipo específico de inflamação crônica autoimune, e a síndrome de Hallervorden, um distúrbio neurodegenerativo pediátrico que foi investigada durante um programa nazista de eutanásia ativa. Em vista disso, a comunidade médica tem se engajado em movimentos que visam erradicar ou descontinuar o nome daqueles que realizaram pesquisas sob condições antiéticas, incluindo crimes graves contra a humanidade, inclusive dos nomes de indivíduos que estiveram envolvidos em atrocidades genocidas, mesmo que esses crimes não estivessem associados à pesquisa da síndrome que deu origem ao epônimo (Kondziella 2009; Strous e Edelman 2007). Isso mostra, como refere Kawarcka (2021), que a terminologia está conectada a um contexto mais amplo que envolve as dimensões sociais, históricas e éticas nas quais operam vários atores.

c) os problemas derivados da eponimização de uma doença ao nome de uma nação inimiga, sendo emblemáticos os casos da sífilis como “doença francesa” e “doença italiana”, e o da pandemia de gripe no início do século XX chamada de “gripe espanhola, com o intuito de uma nação culpar seus inimigos por sua origem ou por espalhá-la, implicando que as nações designadas

eram más” (Abel 2018). Assim, não é mera coincidência na atual pandemia do COVID-19 a tentativa de alguns governantes mundiais em chamar de “vírus chinês” a doença causada pelo vírus SARS-COV-2, não apenas em referência ao local onde o vírus surgiu pela primeira vez, como também para responsabilizar o governo comunista pelo aparecimento da doença, com o propósito de fazer associações nacionais pejorativas e com conotação moral. Embora a descoberta do vírus e a doença ainda não tenham sido eponimizadas, essa difamação chauvinista é uma metáfora política que implica não somente o mal físico, mas também moral, e por isso seu uso deve ser evitado. Nesse aspecto, Nagornaya (2020) comenta que a Organização Mundial de Saúde (OMS) fez um esforço rápido para proibir o uso do termo “vírus Wuhan” e ofereceu um substituto geograficamente neutro, COVID-19, em tempo recorde, de tal modo que essa iniciativa terminológica evitou estigmatizar comunidades étnicas.

d) a diminuição do uso de epônimos no século XXI devido aos impactos da medicina baseada em evidências, estudos de coorte e multicêntricos e ensaios clínicos, e também pelo fato de que cientistas por motivos diversos podem estar em diferentes equipes de pesquisa, nas quais as questões de prioridade do autor, em uma determinada conquista científica, podem ser vistas de várias maneiras, o que pode servir como uma fonte significativa de competição de epônimos denotando o mesmo conceito. (Nieradko-Iwanicka 2020; Koshlakov et al. 2019)

Outro aspecto crítico relacionado aos epônimos refere-se à discriminação de gênero. Na literatura feminista são encontrados poucos casos de mulheres eponimizadas, entre elas as filósofas Simone de Beauvoir (beauvoiriana) e Judith Butler (butleriana). Nas ciências pedagógicas, a exceção seria o termo montessoriano, referente à pedagoga italiana Maria Montessori, conforme citado por Fernández-Cano e Fernández-Guerrero (2003).

No campo da Química, entre os 118 elementos nomeados na tabela periódica, apenas dezesseis são epônimos, pois têm origem em nomes de pessoas. Destes apenas dois são mulheres: Lise Meitner que nomeia o elemento “Meitneirum” e Marie Skłodowska Curie, que compartilhou com seu marido Pierre Curie a nomeação do elemento “Curium” (Helmenstine 2019). Por sua vez, o dicionário biográfico online de epônimos médicos Whonamedit? (2022) registra 3.409 epônimos, dos quais 3.273 são homens e apenas 136 são mulheres, entre as quais duas são as

personagens literárias Alice e Cinderella, e a outra é Mona Lisa, retratada na icônica pintura de Leonardo da Vinci.

Diversos estudos também se referem à baixa representatividade de mulheres eponimizadas em vários campos da Medicina, como a Oftalmologia (Van Thassel et al. 2018), a Dermatologia (Bader e Shipman 2017), a Neurologia (Koehler 2017), e em manuais de primeiros socorros (MacLean 2020). Por sua vez, uma pesquisa em livros didáticos e fontes on-line da Medicina para comparar epônimos masculinos e femininos ao longo do tempo foi realizada por Stuart-Smith et al. (2021). Dos 3.504 epônimos médicos, 3.374 (96%) eram do sexo masculino e apenas 130 (4%) do sexo feminino. Na visão das autoras:

A hipótese de que as mulheres estão sub-representadas no âmbito médico dos epônimos não se sustenta, apesar de parecer à primeira vista. O desenvolvimento de mulheres alcançando paridade com homens na força de trabalho médica global é relativamente recente. A era de ouro dos epônimos acabou muito antes que essa igualdade fosse alcançada. O pico da atribuição epônima foi no final de 1800 e início de 1900, então havia uma representação razoável em proporção ao número de mulheres na medicina na época. Mas as mulheres nunca tiveram a chance de alcançá-las. Onde há um descompasso de gênero impressionante está na evidência biográfica disponível para nós dessas mulheres notáveis, que, por sua própria natureza, foram pioneiras. (Stuart-Smith et al. 2021 p.16)

O estudo conclui que a paridade de gênero nos epônimos nunca será alcançada, pois a maioria dos termos epônimos ocorreu antes que as mulheres fossem formalmente autorizadas a praticar a medicina. E quando isso ocorreu, o período de concessão de epônimos já havia começado a declinar em favor da nomenclatura descritiva. A alternativa proposta pelas autoras é a criação de um banco de dados das mulheres pioneiras cujos nomes são marcados nos termos ainda usados atualmente na medicina, para que sejam celebrados e conhecidos por direito próprio.

No campo da Sociologia, o sexismo na eponímia apareceu no conhecido caso do “Teorema de Thomas”, uma definição formulada por William Isaac Thomas junto com sua futura esposa Dorothy Swaine Thomas em um livro publicado em 1928, mas que começou a ser citado apenas na década de 1970 atribuído somente a W. I. Thomas. Esse episódio envolveu o sociólogo Robert Merton, quando em 1948 foi vinculado à sua concepção de profecia autorrealizável, ocasião em que omitiu Dorothy da autoria do teorema. Mais tarde, alguns acadêmicos interpretaram esse caso como sexismo institucional, contudo Merton (1995) justifica que isso ocorreu devido à dinâmica

da citação parcial na ciência, isto é, a ausência de uma referência correta à fonte. Na visão de Smith (1995), esse episódio remete à famosa questão de “dar crédito a quem o crédito é devido”, sugerindo que esse padrão de negligência faz parte de uma ideologia profissional que incentivou o processo de generificação na Sociologia.

Embora ocorra com menor frequência, a eponimização é problemática quando dois cientistas têm o mesmo nome, mas não possuem parentesco, como os psiquiatras Benedict Morel e Fernando Morel cujas identidades causaram confusão na literatura psiquiátrica inglesa durante certo período até serem detectadas. No entanto, é mais comum o equívoco gerado por cientistas com algum parentesco. Por exemplo, o estatístico Karl Pearson que elaborou a fórmula para o coeficiente de correlação produto-momento que leva seu nome, e seu filho Egon Sharpe Pearson que desenvolveu em conjunto com Jerzy Neyman a abordagem estatística sobre o teste de significância centrado na decisão teórica. (Fernández-Cano e Fernández-Guerrero 2003).

Latour (2004) refere que a eponímia também existe no campo do Direito, ao recompensar não o juiz, mas o requerente, cujo nome estará para sempre associado a uma decisão importante, tornando-se jurisprudência, ou como é comum dizer, uma “decisão histórica”. Um exemplo desse caso no contexto brasileiro é a “Lei Maria da Penha”, epônimo que homenageia uma vítima de violência doméstica como uma provável forma de reconhecimento ao seu sofrimento, e que parece ter se tornado fonte inspiradora para outras leis que homenageiam vítimas, como refere Sousa (2017).

A eponímia também foi abordada em um ensaio emblemático de Boring (1964) intitulado “Epônimo como placebo” sugerindo que os epônimos históricos teriam um efeito de ‘sugestão’, demarcando a história através dos feitos de grandes personagens. Para Boring (1964 p.20), o eponimizado “nunca oferece seu nome; antes, é a posteridade que o extrai e aplica o seu nome ao período ou evento no qual vê sua imagem mais claramente do que a de outros.” A tradição historiográfica representada por Boring sobre os epônimos transparece na leitura de Xavier (2018 p.36), ao defender que a história contada pela ótica dos epônimos mascara “o cenário dos fatos, sentimentos e circunstâncias que faz fundo aos feitos dos protagonistas, induzindo seu intérprete ao equívoco de considerar em segundo plano aquilo que mereceria o status de primeiro”.

4 Epônimos na ciência: abordagens teóricas da Sociologia da Ciência e Ciência da Informação

A eponímia é apenas o tipo de reconhecimento mais duradouro e talvez mais prestigioso institucionalizado na ciência. (Merton 1973 p. 300)

No contexto institucional da ciência, a eponímia faz parte do sistema de recompensas da ciência. Como explica Merton (1957 p. 642-643), “dessa maneira, os cientistas deixam suas assinaturas indelevelmente na história; seus nomes entram em todas as linguagens científicas do mundo”. Contudo, cada ciência desenvolve seus próprios padrões de eponímia para “homenagear aqueles que a tornaram o que é”. Em sua visão, a eponímia é “um prêmio que, apesar de grande em agregado absoluto, é limitado a relativamente poucos” (Merton 1957 p. 644). Entretanto, o autor adverte que:

Se o sistema de recompensas estivesse confinado a isso, ele não forneceria muitos outros cientistas notáveis, sem cujo trabalho as descobertas revolucionárias não poderiam ter sido feitas. Recompensas graduadas na moeda do reconhecimento honorífico do reino científico por colegas cientistas são distribuídas entre as camadas estratificadas da realização científica. Apenas listar algumas dessas outras formas de reconhecimento, mas ainda consideráveis, talvez seja suficiente para nos lembrar da estrutura complexa do sistema de recompensas na ciência. (Merton 1957 p. 644)

Papel importante no estudo do reconhecimento científico é atribuído por Merton (1957 p.645) aos historiadores da ciência, considerados como os “guardiões da fama póstuma” que ajudam a manter a ênfase institucional predominante de dar atenção à importância da prioridade da descoberta, ao mesmo tempo impedindo que o conhecimento científico caia na obscuridade. Ou seja, “o epônimo, e não o anonimato, é o padrão” (Merton 1957 p.645).

Enquanto registros permanentes dos nomes dos cientistas na linguagem internacional da ciência, os epônimos fazem parte do sistema de recompensas da ciência reforçando e perpetuando a ênfase institucional na originalidade. O reconhecimento pela originalidade, como explica Merton (1957 p. 645) é um dos principais objetivos institucionais da ciência moderna, e na “competição organizada para contribuir com o conhecimento científico, a corrida é rápida para aquele que chega com sua contribuição em mãos”; nesse contexto, “os epônimos perpetuam o pensador original, o gênio criativo, e inscrevem seu nome no livro de ouro da ciência”.

Merton (1957 p. 645) também elucida que há casos em que o mesmo indivíduo adquire dupla imortalidade, tanto pelo que conquistou, como pelo que não realizou, como as geometrias euclidiana e não-euclidiana e as lógicas aristotélicas e não-aristotélicas. No entanto, frequentemente é difícil e arbitrário o sentimento enraizado de que o reconhecimento pela originalidade na ciência deva ser expresso na obrigação de procurar quem “primeiro” contribuiu com uma ideia ou descoberta, pois isso esbarra no caráter cumulativo e interligado da investigação científica.

Na visão mertoniana existem gradações na eponímia, e isso pode ser visto como um reflexo do sistema estratificado da ciência. No topo estão aqueles que deixaram sua marca na ciência e pensaram em sua época. Esses poucos têm uma época inteira denominada com seus nomes, e são conhecidos como as “eras” darwiniana ou newtoniana, ou a “idade” freudiana. Em seguida, recebem reconhecimento aqueles que geraram uma nova ciência ou ramo do conhecimento e são reconhecidos como seus ilustres “pais”, por exemplo: Lavoisier é considerado o “pai da Química moderna”, Comte é reconhecido como o “pai da Sociologia”, e Derek de Solla Price o “pai da Cientometria”. Acrescentamos nessa lista o próprio Merton que foi eponimizado duplamente: como o “pai” da Sociologia da Ciência, e com o epônimo adjetivado “mertoniano” amplamente aceito pela comunidade científica e utilizado para designar sua abordagem teórica ou escola de pensamento específica no campo da Sociologia.

Nessa ordem eponímica hierárquica também há uma ampla gama de contribuições científicas realizadas por milhares de cientistas que são imortalizados por leis, teoremas, hipóteses, instrumentos, constantes, distribuições e métodos que compõem a ciência, por exemplo, o coeficiente de Spearman, a escala de Thurnstone, entre outros (Merton 1957 p. 643-644).

Um artigo publicado no *New Scientist* por Choppen (1972) traz implícito o conceito de eponímia ao abordar a imortalidade desfrutada por vários cientistas ao terem seus nomes consagrados por suas contribuições à ciência. Embora não tenha citado as gradações eponímicas presentes na lista hierárquica elaborada por Merton (1957), o autor elenca uma série de realizações que promovem a notoriedade científica em ordem de mérito: leis, teorias, conceitos, princípios, efeitos, teoremas, axiomas, modelos, equações, regras, critérios, constantes, índices, fatores, coeficientes, hipóteses, fenômenos, sistemas, processos, circuito, equipamentos, ferramentas,

aparelhos, métodos, testes, reações, sínteses, entre outras. Para Choppen (1972 p.75) isso lhe faz “lembrar outra forma de notoriedade científica, na qual parece haver uma escala social, uma gradação que coloca os celebrados em ordem de mérito”, de tal modo que “todas essas expressões têm o anel de autoridade incontestável, a atmosfera do Sinai, a implicação da revelação divina” e aqueles que compartilham qualquer uma delas “está no calendário dos santos tão seguramente quanto São Pedro e São Paulo, acima de eclesiásticos como Bath e Wells, e Sodor e Man”.

Na Física Analítica, Química Orgânica e Inorgânica, Braun e Pálos (1989) organizaram uma lista gradativa de epônimos ordenados cronologicamente em função da data estimada de seu aparecimento e os resultados revelaram a estratificação e o prestígio das diferentes realizações eponímicas nessas áreas.

Em 1980, Stigler forneceu uma visão complementar desse sistema ao formular o que nomeou como “Lei de Stigler da Eponímia” estabelecendo que “nenhuma descoberta científica tem o nome de seu descobridor original”, pois considera que o epônimo pode ter sido aplicado incorretamente a um suposto homenageado, por um erro de atribuição. Para defender a sua lei, Stigler (1980) considera, primeiro, que os epônimos não devem ser concedidos por historiadores ou indivíduos, mas pela comunidade de cientistas praticantes, e segundo que o homenageado deve estar distante no tempo ou no local (ou ambos) daqueles que o homenageiam com o epônimo. Em suas palavras:

Os historiadores da ciência podem fornecer listas de nomeações para reconhecimento eponímico, mas se um epônimo deve ser visto como meritório, a comunidade procurará orientação de especialistas na área da descoberta, e não de historiadores que geralmente são especialistas em nenhuma área. Porém, os cientistas cujos trabalhos são consultados para aprovação do epônimo devem ser vistos como imparciais, como influenciados apenas pelo julgamento científico. Um prêmio de um epônimo pode ser tentado por amigos próximos, estudantes ou associados políticos, mas não será bem-sucedido. É a aceitação da comunidade à distância e, portanto, a promessa de imortalidade através da aceitação pelas gerações futuras de cientistas, que confere ao prêmio seu extraordinário prestígio. (Stigler 1980 p.149)

Na visão de Stigler (1980) a eponímia é uma recompensa pelo mérito científico. Contudo, é necessário que passe pelo teste do tempo para que um epônimo demonstre sua ampla aceitação como nome. Cole (2006 p. 123) se referiu à Lei de Stigler da Eponímia como “um interessante caso de autoeponímia”, pois

(...) foi pelo menos em parte baseada em uma observação feita por seu pai “Se algum dia encontrarmos um caso em que uma teoria é nomeada para o homem correto, ela será notada” (G. Stigler, 1966). Com uma discreta reverência (ainda que pouco característica) ao politicamente correto, Stigler mais tarde silenciosamente mudou essa afirmação na quarta edição para “pessoa correta” (1987, p. 69). [...] De preferência, a Lei da Eponímia de Stigler deve ser citada na íntegra, porque, caso contrário, pode ser confundida com outras “Leis de Stigler” existentes: 1) Lei das elasticidades de Stigler, uma proposição irônica sobre elasticidades de preço estimadas, formulada por Stigler pai (G. Stigler, 1986), e 2) uma regularidade numérica na distribuição estatística dos primeiros dígitos, também devido a Stigler pai e relatada pela primeira vez por Rami (1976). (Cole 2006 p.123)

O epônimo autossugerido também ocorreu no campo da Bibliometria, quando Garfield (1971) anunciou a formulação de uma nova lei bibliométrica em um artigo que discutia as descobertas preliminares desta investigação pioneira e descreveu sua relação com a Lei de Dispersão de Bradford:

No ISI, estamos concluindo um estudo que resultou em uma generalização da lei de Bradford que, em certo sentido, “unifica” a demonstração de sua validade em estudos de campos individuais. Permita-me a abreviação eponímica para chamar essa teoria unificada ou generalização de “lei de concentração de Garfield”. O nome pretende sugerir que, em oposição à dispersão, uma concentração básica de periódicos é o núcleo comum de todos os campos. (Garfield 1971 p.222)

Aliás, em relação ao fenômeno do epônimo autossugerido Garfield (1983) reconhece a sua participação, ao comentar que:

Há vários anos, proclamei a Lei de Concentração de Garfield e a Constante de Garfield. A lei de concentração de Garfield não é realmente uma lei, mas um princípio. Ela afirma que um pequeno grupo de periódicos especializados multidisciplinares e de alto impacto são responsáveis por uma grande porcentagem de referências e publicações em todos os campos da ciência. A constante de Garfield refere-se ao número médio de citações por artigo citado no Science Citation Index. A constante poderia ter sido esquecida se Derek J. de Solla Price não tivesse lembrado o mundo disso ao discutir a teoria da vantagem cumulativa de Merton. Mas só o tempo dirá se meus epônimos irão sobreviver a longo prazo e se terei sucesso, ao contornar a lei de Stigler. Samuel Bradford, cuide-se! (Garfield 1983 p.391).

Ainda a respeito de epônimos relacionados a Garfield, de acordo com Braun et al. (2010), existem outros dois termos que embora não tenham sido autossugeridos, foram propagados para um público mais amplo nos periódicos *Scientometrics* e *Journal of the American Society of Information Science and Technology*. O termo “Fator Garfield”, que foi criado por Vinkler (2004)

como sinônimo de fator de impacto do Journal Citation Report para distingui-lo das inúmeras variantes modificadas ou “aperfeiçoadas”. O outro termo, “demônio de Garfield”, foi cunhado por Jasienski (2009 p. 347) para se referir ao banco de dados de indexação de citações denominado Web of Knowledge do Institute for Scientific Information (ISI) fundado por Garfield em 1960, pois promove uma “inundação de conhecimento humano representando apenas uma fração da produção científica total de todo o planeta, pode ser controlada apenas com a ajuda de uma entidade metafórica que poderia ser chamada de ‘demônio de Garfield’”.

De uma perspectiva da história da ciência, Beaver (1976) estudou o crescimento dos epônimos. Sua pesquisa mostrou que no século XX, embora o número de cientistas tenha aumentado, a prática da eponímia continuou constante, embora a pesquisa colaborativa e a autoria múltipla das contribuições tenham dificultado a distribuição justa do crédito eponímico. Mais tarde, Diodato (1984) também estudou a eponímia na Psicologia e Matemática. Esses dois autores estimaram o tempo necessário para um epônimo se desenvolver, sendo que o primeiro fixou em 35 anos após a data de nascimento do cientista, e o segundo argumenta que para esse cálculo é necessário levar em consideração a data da publicação. Vale lembrar que nos estudos de Merton (1957) nenhum intervalo de tempo foi indicado para que um epônimo atingisse a eponímia.

Para Garfield (1983) os epônimos são uma tradição consagrada nas ciências e são importantes mecanismos institucionais para o reconhecimento de méritos e contribuições pessoais. Embora sejam abundantes nas “ciências duras”, os epônimos são escassos nas Ciências Humanas. Para o autor a tendência da pesquisa em equipe trouxe problemas para a eponímia na atribuição do crédito ao eponimizado. Assim, para compartilhar o crédito de maneira justa entre os cientistas, um recurso é utilizar epônimos com mais de um nome.

No entanto, embora considere que geralmente é honroso e raramente prejudicial anexar um nome ou dois a uma descoberta, Newmark (1983 p. 749) argumenta que às vezes esse sistema pode se apresentar confuso e ultrapassado. O autor sugere a utilização de um acrônimo quando se trata da descoberta de certo tipo de vírus seguido de uma designação pelo local onde foi isolado e um número, caso necessário. A utilização do nome do descobridor talvez fosse possível, embora, quando o trabalho é realizado em equipe isso encoraje conflitos internos e nomes compostos.

Todavia, aqueles que realizaram a descoberta deveriam ser homenageados em seu nome, embora a honra seja amplamente negada quando o nome é autopromovido.

Na atualidade isso nos faz lembrar do índice-H. Embora Jorge Hirsch não tenha utilizado o termo “H-index”, uma vez que foram muitos cientometristas que introduziram e tornaram público o uso desse epônimo para designar o indicador bibliométrico utilizado para avaliação de pesquisadores, vale questionar, como fez Cabanac (2014 p. 1639), a ocorrência da eponímia autossugerida, pois “se Hirsch tivesse tomado outra letra que não o “h”, que por acaso é a inicial de seu nome, estaríamos comentando a onipresença do epônimo com o seu nome?” Contudo, Schubert e Schubert (2019 p.43) defenderam que

Como é sabido, o próprio Hirsch sempre refuta o palpite de que o índice apresentaria intencionalmente a inicial do nome de sua família. De acordo com a sua explicação: “Decidi chamá-lo de ‘h’ [...] porque um índice h alto sugere ‘altamente citado’ e ‘alto desempenho’”. [Hirsch & Buela-Casal, 2014]

Para Ravlic (2005) a eponimização vista como um processo de desenvolvimento e introdução de epônimos é uma maneira significativa de moldar a terminologia profissional e um importante mecanismo institucional para o reconhecimento de créditos e contribuições. Contudo, na política e na ciência política a eponimização não tem o mesmo caráter, padrão e efeitos que em outras ciências e atividades, pois reflete os conflitos ideológicos e políticos e a natureza de um sistema político. Bragina e Lubensky (2002) destacam que os epônimos com carga ideológica apresentam uma dificuldade especial, uma vez que sua frequência no discurso é diretamente proporcional à sua utilidade para o regime dominante.

A perspectiva bourdieusiana – eis aqui outro epônimo! – de campo científico como um sistema em que ocorrem trocas de capital e créditos científicos também permite entender o fenômeno da eponímia, pois pode descrever dinâmicas de prestígio, acumulação de capital social ou científico, como foram abordadas por Bourdieu em sua teoria dos campos. Na visão de Bourdieu (1975) as honras de alto prestígio são reservadas aos “grandes homens”, ou seja, vão para aqueles que receberam reconhecimento por sua contribuição ao conhecimento cumulativo em seu campo, e desse modo

O fato de o capital-autoridade resultante de uma descoberta ser monopolizado pela primeira pessoa que a transformou, ou pelo menos a primeira pessoa que a tornou conhecida e reconhecida, explica a frequência e a importância das questões

prioritárias. Se vários nomes forem anexados à primeira descoberta, o prestígio de cada um deles será correspondentemente diminuído. Um cientista que faz a mesma descoberta algumas semanas ou alguns meses depois está desperdiçando seu tempo, e seu trabalho é reduzido ao status de duplicação inútil de trabalho já reconhecido (e é por isso que alguns pesquisadores se apressam na publicação por medo de serem ultrapassados). (Bourdieu 1975 p.98-99)

Biagioli (2006) complementa esse entendimento ao explicar que quando descobertas, leis e teorias são associadas ao nome de um cientista, o epônimo funciona como uma forma de capital simbólico. Para o autor, ao entrar em cena após a morte do cientista a eponímia reforça o seu papel como “monumento” em vez de um reconhecimento de propriedade.

A eponímia também foi considerada como um caso de “obliteração por incorporação”, isto é, a perda da conexão entre uma contribuição e seu criador, conforme atestam diversos estudos que oferecem uma base teórica para melhor compreender esse fenômeno do ponto de vista da Sociologia da Ciência e da Bibliometria. O primeiro a tratar a eponímia como “obliteração por incorporação” foi Merton (1965), abordando-a como uma “síndrome palimpséstica”. Em suas palavras, isso ocorre quando

(...) a maioria de nós tende a atribuir uma idéia ou formulação impressionante ao autor que nos apresentou a ela pela primeira vez. Mas, freqüentemente, esse autor simplesmente adotou ou reviveu uma formulação que ele (e outros versados na mesma tradição) sabe que foi criado por outro. Os transmissores podem estar tão familiarizados com suas origens que, por engano, assumem que eles são bem conhecidos dos leitores, e não citam a fonte original ou mesmo se referem a ela. Assim, o transmissor completamente inocente se identifica como o autor da idéia quando seu mérito reside apenas em mantê-la viva ou em trazê-la de volta à vida depois de há muito tempo adormecida, ou talvez em um novo e instrutivo uso. (Merton 1965 p. 218-219)

Nesse contexto, é interessante observar que o próprio Merton (1972) admitiu ter colaborado para uma síndrome palimpséstica” quando atribuiu a Max Weber um aforismo (“Como já foi dito, não é preciso ser César, para compreender César”) que este utilizara, mas que originalmente havia sido formulado por Georg Simmel.

Posteriormente, Merton (1988) voltaria ao tema da obliteração por incorporação. No seu texto clássico sobre o Efeito Matheus na ciência refere-se a ela como uma citação tácita que pode ser entendida como “a obliteração das fontes das ideias, métodos ou descobertas por sua incorporação ao conhecimento canônico” (Merton 1988 p. 622). Em sua visão, muitos casos de

dívida intelectual aparentemente não reconhecida são “literalmente exceções que comprovam a regra, ou seja, não são exceções, uma vez que as referências, por mais tácitas que sejam, são evidentes para os pares.” (Merton 1988 p. 623). Como ele já havia afirmado no prefácio ao livro de Eugene Garfield (1979) sobre indexação de citações:

Estudos históricos e sociológicos especializados podem complementar citações explícitas com citações tácitas, do tipo que podem ser reconstruídas a partir de evidências textuais, como alusões epônimas, terminologia com o selo da fonte de uma ideia e similares. Mas resta saber se alguns modos de influência cognitiva significativa não encontram expressão em referências e citações, explícitas ou tácitas. (Merton 1979 p.vii)

Para Garfield (1975 p. 396-397) a obliteração “afeta as citações de descobertas que são rapidamente absorvidas pelo tecido da ciência e da tecnologia e se tornam (usando o jargão sociológico) institucionalizadas rapidamente”. Assim, estabelece-se, a relação da eponímia com a citação, pois “a maioria dos cientistas não citará a fonte se ela já tiver sido absorvida pelo corpo do conhecimento científico, uma vez que o leitor já está ciente disso”. Garfield ainda relatou já ter sido vítima do fenômeno de obliteração, uma vez que vários artigos não poderiam ter sido escritos sem os dados do *Science Citation Index* (SCI), mas, no entanto, muitos autores deixaram de citar qualquer artigo seu ou de outros sobre os métodos de indexação de citações, demonstrando que a disponibilidade do anonimato do SCI obliterou a citação dos artigos originais. Do mesmo modo, embora Garfield tivesse descrito o *Journal Citation Report* (JCR) vários autores se referem apenas ao JCR sem citação. Contudo, para o autor, isso não é motivo de arrependimento, pois em sua visão “a obliteração, talvez até mais do que uma taxa de citação astronômica, é um dos mais altos elogios que a comunidade de cientistas pode prestar ao autor” (Garfield 1975 p.398).

Embora não tenha utilizado especificamente essa palavra, o conceito de obliteração está presente em Gilbert (1977) quando este descreve o processo no qual a fonte da ideia e seu criador deixam de ser citadas e são “apagadas”. Em suas palavras:

Certos artigos, através de seu uso repetido como base autorizada para trabalhos futuros, começam a alcançar um status excepcional e podem ser considerados “exemplos” de trabalhos valiosos no campo. Em alguns casos, as abordagens, técnicas e resultados apresentados nesses documentos exemplares podem se tornar tão amplamente conhecidos e aceitos em todo o campo que não precisam mais ser citados explicitamente. Seu conteúdo se torna parte daquilo que se supõe que todo membro competente do campo saiba. (Gilbert 1977 p. 117)

Por sua vez, Messeri (1978 p. 19) abordou a obliteração por incorporação, tratando-a como o “declínio do contato direto com fontes mais antigas, à medida que seus conteúdos mais destacados são cada vez mais transmitidos aos cientistas ativos por meio da incorporação em trabalhos posteriores e de resumos em livros e palestras”.

Lederberg (1972 p. 234) pontua que “se algumas vezes omitimos uma citação específica da obra original, isso é um testemunho de que seu nome (como o de Mendel) já se tornou uma *“palavra familiar”*, demasiado familiar para exigir atribuição rotineira”. A socióloga da ciência Harriet Zuckerman (1987 p. 331) também recorreu a essa mesma expressão para se referir ao fenômeno da obliteração por incorporação ao explicar que “o uso de citações para fixar fontes de desenvolvimento científico atrofiam e desaparecem quando se tornam tão conhecidas que são ‘palavras familiares’”. A autora se referia à questão da subcitação – ou seja, a obliteração – que poderia ocorrer mais frequentemente com cientistas da “elite” para artigos altamente citados do que para os demais, o que poderia impor “limites na contagem de citações para rastrear a genealogia de ideias a longo prazo”. (Zuckerman 1987 p.332)

Sills e Merton (1991 p. xvii) também enfocam o processo de obliteração por incorporação – referida pela sigla OBI – ao mostrarem que algumas das citações presentes na Enciclopédia Internacional de Ciências Sociais, organizadas por ambos, tiveram uma influência por muito tempo que se tornaram parte da cultura pois “a identidade de seus autores originais deixaram de ser citadas tornando-se desconhecidas para muitos que fazem uso dessas citações anônimas”. Nesse caso, como bem resumiu Morson (2011 p. 65), “as palavras de alguém se tornam palavras de ninguém: a fonte é obliterada pela incorporação da citação no discurso comum”.

Thomas (1992), em seu estudo sobre epônimos na Biologia Molecular questionou as estimativas de tempo para se atingir a eponímia. Para a autora, à medida que uma descoberta científica atinge a eponímia, ela tende a ser citada através de fontes secundárias (que citam o original) mais do que a fonte primária (original) e, em seguida, passa a ser citada cada vez menos para qualquer fonte. Assim, a citação primária (citada diretamente na fonte) é a citação direta, e a citação secundária (citada a uma fonte que por sua vez cita a original) é a citação indireta. E quando o epônimo é usado, trata-se da citação implícita, e esta não é uma perda, mas uma confirmação de reconhecimento. Assim, “parece claro que um artigo epônimo seja implicitamente citado porque

é epônimo” e embora isso represente uma perda para o cientista não citado, ao mesmo tempo este se sente homenageado com o epônimo (Thomas 1992 p. 415). A autora hipotetizou que a verdadeira eponímia é alcançada quando as seguintes condições são atendidas temporariamente:

O evento em questão (método, lei, regra, etc.) é comumente chamado pelo nome do descobridor; o epônimo é reconhecido por sua inclusão nos índices de textos padronizados em seu campo; o epônimo é usado como título em um artigo ou texto; o evento é implicitamente citado pelo uso do epônimo. (Thomas 1992 p. 415)

Ainda no contexto da citação implícita esta foi chamada por Garfield (1973 p. 413) de “uncitedness”, isto é, “a não-citação da distinção vem para aqueles cujo trabalho se tornou tão conhecido (e presumivelmente tão citado anteriormente) que a princípio se acha tedioso, depois desnecessário e, finalmente, realmente *gauche* citar tais homens em absoluto”. Garfield (1973) também destaca que essa prática é lamentável para a análise de citações pois distorce os resultados quando é usada como uma medida contínua de certos tipos de atividade científica.

Száva-Kováts (1994) introduziu o conceito de “citação epônima não indexada” para descrever termos técnicos epônimos usados sem nenhuma referência à bibliográfica formal, o que resulta em falta de visibilidade das citações nos bancos de dados de citações. O autor examinou a frequência dessas citações implícitas às contribuições de muitos autores em revistas de Física e verificou que embora a obliteração tenha ocorrido, a incorporação através da eliminação do nome do criador ainda não foi concluída.

McCain (2011) ao estudar o fenômeno obliteração por incorporação relacionada ao Equilíbrio de Nash na literatura sobre a teoria dos jogos notou que a porcentagem anual de artigos contendo citações implícitas ao Equilíbrio de Nash permaneceu relativamente estável em publicações nas Ciências Naturais, Sociais e Humanidades, Direito e Medicina, mas essa porcentagem apresentou variações em outras áreas que citam o trabalho de Nash ou simplesmente usam o epônimo para invocar o conceito. Para a autora o uso de frases sem citação, bem como de conceitos, métodos experimentais, achados empíricos e modelos muito bem estabelecidos frequentemente foram mencionados na literatura sem estarem vinculados aos seus autores.

Nesse contexto, McCain (2011 p. 1413) mostra que a obliteração por incorporação ocorre em alguns epônimos existentes na área de Ciência da Informação, pois “podemos nos referir a uma “distribuição Bradford” ou “Lei de Zipf” sem sentir a necessidade de citar uma publicação

específica de Samuel Bradford ou George K. Zipf”. A autora usa um trocadilho baseado na expressão “household word” de Lerdeberg (1972) para argumentar que essas leis eponímicas na “casa” (house) da Ciência da Informação se tornaram “palavras familiares” (household words). Todavia a autora defende que eponímia não é necessária para que uma noção seja incorporada no conhecimento geral, pois “dentro e fora da Ciência da Informação, a noção da ‘regra 80-20’ perdeu qualquer conexão com sua descrição mais antiga” (McCain 2011 p. 1413). Isso também acontece, argumenta a autora, com o “Efeito Matheus” de Merton (1968) que é frequentemente invocado sem a citação do artigo da *Science* que o introduziu. Posteriormente, McCain (2014a) mostrou que os epônimos podem ser uma característica-chave de determinadas áreas de estudo, como por exemplo, na Biologia Molecular (Thomas 1992) – como é o caso do “Southern blot, assim denominado em homenagem ao biólogo britânico Edwin Southern, inventor desse método – embora seja mais difícil identificar frases de efeito, tais como: “estratégias evolutivamente estáveis” de John Maynard Smith (McCain 2012), “racionalidade limitada” de Herbert Simon. (McCain 2014b) ou a máxima “Não há nada tão prático como uma boa teoria” de Kurt Lewin (McCain 2015), as quais possam ser facilmente vinculadas a uma ou a um pequeno conjunto canônico de publicações.

O estudo de Gorraiz et al. (2011) utilizou a análise de citações para identificar o impacto dos trabalhos de Francis Galton notório polímata e predecessor da Cientometria Ao examinarem as referências nas quais Galton foi mais mencionado do que citado, os autores identificaram a presença do fenômeno da obliteração por incorporação em um terço de suas obras. No processo de obliteração, as ideias originais e as formulações literais de Galton foram incorporadas devido ao uso prolongado e generalizado no título, resumo ou texto completo dos documentos. Em vista disso, os autores recomendam que em análises de citações seja incluído o fenômeno da obliteração, pois permite detectar epônimos.

Para Collazo-Reys et al. (2018) a eponímia geralmente é gerada por citações informais incluídas como parte de títulos, resumos e palavras-chave dos artigos. Os autores identificaram a emergência do termo “Plebanski” como uma tendência temática na literatura científica para se referir aos aspectos relevantes do trabalho científico do físico teórico Jerzy Plebanski (JP) na área de Física Matemática. A eponimização associada a JP revelou a existência de uma rede de

coautorias bibliométricas em nível internacional em torno do trabalho cognitivo de JP e permitiu identificar estruturas de comunicação geradas a partir de seu epônimo que foi identificado como um nó de uma rede que vincula textos e autores.

Os estudos dos epônimos na linguagem bibliométrica ainda são escassos, apesar de Vélez-Cuartas (2018 p. 7) defender que “a eponímia como ferramenta cientométrica soa bem como uma metodologia promissora”. Na visão desse autor, a eponímia atua como um código que catalisa as funções de comunicação na produção científica fornecendo “um tipo de confiança, a capacidade de ser confiável”. Assim, o epônimo não fornece apenas uma função para comunicar prestígio, mas também mostra a penetração geográfica das instituições científicas e a dinâmica global dos sistemas científicos.

Considerando as dificuldades enfrentadas por aqueles que se dedicam ao estudo da eponímia utilizando a extração manual de epônimos em um grande volume de textos Cabanac (2014) apresentou uma abordagem de mineração de textos semiautomática para extrair epônimos e quantificar o seu uso em conjuntos de dados. Os resultados enfatizaram o valor da mineração de texto para a rápida extração e quantificação de epônimos que podem ter implicações substanciais na avaliação da pesquisa.

Valderrama-Zurian et al. (2019) examinaram epônimos na literatura bibliométrica presentes em diversos tipos de documentos indexados na *Web of Science Core Collection* no período entre 1900 e 2016. Os resultados mostraram que na área de Ciência da Informação os epônimos ocorrem com maior frequência, embora nem todos pertençam a essa área. Concluíram também que alguns epônimos estão amplamente enraizados na terminologia bibliométrica, de modo que, para alguns autores, tornaram-se simples membros do conjunto de termos disponíveis para a ciência para designar seus conceitos e objetos.

Por sua vez, o estudo de Schubert et al. (2022) oferece alguns exemplos de epônimos, tais como o índice H, os modelos epidemiológicos e as leis fundamentais da cientometria, para ilustrar como um exame mais minucioso dos epônimos pode contribuir para a história da ciência e os estudos de comunicação científica.

5 Considerações Finais

Portanto, estudar um epônimo individual não significa apenas lidar com um momento do processo político ou da história social de uma ideia, mas também considerar o contexto mais amplo no qual o epônimo se origina e está associado a ele. (Ravlic 2005 p.115)

Após expor o arcabouço teórico e analítico da eponímia, seus alcances e limites como mecanismo para o estudo do reconhecimento científico a partir das perspectivas da Sociologia da Ciência – principalmente sob a abordagem da sociologia da eponimização mertoniana – e da Bibliometria, é imperativo reconhecer que a pesquisa sobre os epônimos na ciência também deve levar em conta as críticas que se colocam ao processo de eponimização.

Assim, além das implicações para a atribuição e reconhecimento do crédito científico envolvidos na eponímia, esse estudo mostrou que a presença do epônimo em textos científicos tem gerado debates entre cientistas e pesquisadores, tais como: seu uso na comunicação médico-científica tem sido considerado um obstáculo à criação de uma linguagem técnica rigorosa, padronizada e objetiva; as assimetrias de gênero na eponímia, com a sub-representação de mulheres eponimizadas quando comparadas aos homens que receberam essa honraria; as implicações éticas de epônimos médicos associados a crimes e atrocidades contra a humanidade durante a era nazista; os epônimos geográficos que contribuem para incitar a xenofobia causando danos à reputação cultural do país e estigmatizando comunidades étnicas. Visto sob esse prisma, o estudo revelou como os epônimos carregam uma dimensão social e cultural que incide em todas as disciplinas científicas, embora sua criação, o tipo de reconhecimento científico e as pessoas a quem essa recompensa se destina variam conforme as diferentes ciências.

Em suma, do ponto de vista da Sociologia da Ciência os epônimos dizem muito sobre duas questões interligadas no sistema de recompensas da ciência: a prioridade da descoberta e o reconhecimento científico. Nesse contexto, o crédito pela descoberta representa um papel central. Contudo, quando o trabalho do descobridor é apagado pela ausência de uma referência explícita ao texto original que motivou o epônimo, a eponímia tem se tornado um elemento de reflexão crítica no campo da Ciência da Informação, haja vista os vários estudos de citação que têm se dedicado a investigar o fenômeno da obliteração por incorporação. Ou seja, se a ideia da

eponimização está vinculada ao reconhecimento científico, a obliteração por incorporação atua como um processo de despersonalização das realizações científicas.

Finalmente, ao expor os diferentes construtos e/ou relações da eponímia com base nas perspectivas teórico-metodológicas da Sociologia da Ciência e Ciência da Informação o estudo realizado pode estimular futuras investigações sobre a ocorrência desse fenômeno em domínios científicos específicos em seus vários níveis de abrangência e completude.

Notas

- (1) Agradecimentos: ao CNPq pela concessão da bolsa de produtividade em pesquisa que possibilitou a realização desse estudo; a José Augusto Chaves Guimarães (Unesp/Marília) pela rica interlocução e incentivos; e aos pareceristas pelas sugestões construtivas.
- (2) Com base no referencial teórico metodológico aqui exposto foi elaborado e aplicado um modelo de análise de epônimos em textos científicos do campo da Bibliometria publicados em periódicos da área de Ciência da Informação no Brasil. O resultado obtido será objeto de futura publicação.

Referências

- Abel, Ernest Lawrence. “Syphillis: a history of an eponym”. *Names*, vol. 66, no. 2, 2018, pp. 96-102.
- Bader, Eanas, and Shipman, Alexa. “The women behind the names: Dermatology eponyms named after women”. *International Journal of Women's Dermatology*, vol. 3, 2017, pp. 38-41.
- Beaver, Donald deB. “Reflections on the natural history of eponymy and scientific law”. *Social Studies of Science*, vol. 6, no. 1, Feb. 1976, pp. 89-98.
- Beeching, Cyril Leslie. *A dictionary of eponyms*. Oxford Paperbacks, 1990.
- Biagioli, Mario. “Documents of documents: scientist's names and scientific claims”. *Documents: artifacts of modern knowledge*. Edited by Annelise Riles. Michigan University Press, 2006. pp. 127-157.
- Boring, Edwin G. “Eponym as placebo”. *Acta Psychologica*, vol. 23, 1964, pp. 9-23.
- Bourdieu, Pierre. “La spécificité du champ scientifique et les conditions sociales du progrès de la raison”. *Sociologie et Sociétés*, vol. 7, no. 1, 1975, pp. 91-118.
- Bragina, Nathalia, and Lubenski, Sophia. “Eponyms as cultural key words and their lexicographic description in English and Russian”. *Proceedings of the Tenth Euralex International Congress*, Copenhagen, 2002, pp. 419-427.

- Braun, Tibor, and Pálos, Andrea. "Textbook trails of eponymic knowledge in analytical chemistry". *Trends in Analytical Chemistry*, vol. 8, no. 5, 1989, pp. 158-159.
- Braun, Tibor, et al. "The footmarks of Eugene Garfield in the journal *Scientometrics*". *Annals of Library and Information Studies*, vol. 57, 2010, pp. 177-183.
- Cabanac, Guillaume. "Extracting and quantifying eponyms in full-text articles". *Scientometrics*, vol. 98, no. 3, 2014, pp. 1631-1645.
- Choppen, Eduard. "Who was Wimshurt? Or, how to be immortal". *New Scientist*, vol. 53, no. 778, 1972, pp.75.
- Cole, Julio H. "On eponymy in Economics". *The Independent Review*, vol. 11, no. 1, 2006, pp. 121-131.
- Collazo Reyes, Francisco García, et al. "Scientific eponyms in America Latina: the case of Jerzy Plebanski in the area of Mathematical Physics". *Social Epistemology*, vol. 32, no. 1, 2018, pp. 63-74.
- Diodato, Virgil. "Eponyms and citations in the literature of psychology and mathematics". *Library and Information Science Research*, vol. 6, no. 4, 1984, pp. 383-405.
- Duque-Parra, Jorge Eduardo, et al. "Los epónimos em las ciencias médicas: errores históricos que originan injusticias". *Revista de la Facultad de Medicina*, vol. 66, no. 1, 2018, pp. 87-90.
- Fernández-Cano, Antonio, and Fernández-Guerrero, Ines M. "Eponymy for research evaluation: Spanish cases from the educational field". *Research Evaluation*, vol. 12, no. 3, 2003, pp. 197-203.
- Freeman, Morton S. *A new dictionary of eponyms*. Oxford University Press, 1997.
- Fuentes-Díaz, Zaily. "Apuntes en la historia del epónimo cubano". *Revista Archivo Médico de Camagüey*, vol. 16, no. 6, 2012, pp. 1791-1802.
- Garfield, Eugene. "Can citation indexing be automated?". *Statistical Association Methods for Mecanized Documentation: Symposium Proceedings*. Edited by Mary Elizabeth Stevens, Vincent E. Guliano, and Laurence B. Heilprin. National Bureau of Standard Miscellaneous, 1965. pp. 189-192.
- Garfield, Eugene. "The mystery of the transposed journal lists wherein Bradford's law of scattering is generalized according to Garfield's law of concentration". *Essays of an Information Scientist*, vol. 1, 1971, pp. 222-223.
- Garfield, Eugene. "Uncitedness III: the importance of not being cited". *Essays of an Information Scientist*, vol. 1, 1973, pp. 413-414.
- Garfield, Eugene. "The 'obliteration phenomenon' in science and the advantage of being obliterated!". *Essays of an Information Scientist*, vol. 2, 1975, pp. 396-398.

- Garfield, Eugene. *Citation indexing: its theory and application in science, technology, and Humanities*. Wiley, 1979.
- Garfield, Eugene. "What's in a name: the eponymic route to immortality". *Essays of an Information Scientist*, vol. 6, 1983, pp. 384-395.
- Gilbert, Geoffrey Nigel. "Referencing as citation". *Social Studies of Science*, vol. 7, 1977, pp. 113-122.
- Gorraiz, Juan, et al. "Galton 2011 revisited: a bibliometric journey in the footprints of a universal genius". *Scientometrics*, vol. 88, no. 2, 2011, pp. 627-652.
- Grant, Maria J., and Booth, Andrew. "A typology of reviews: an analysis of 14 reviews types and associated methodologies". *Health Information and Libraries Journal*, vol. 26, no. 2, 2009, pp. 91-108.
- Hayashi, Maria Cristina Piumbato Innocentini. "Agradecimentos em artigos científicos: o ponto de vista de pesquisadores". *Prisma.com*, vol. 37, 2018, pp. 55-70.
- Hayashi, Maria Cristina Piumbato Innocentini. "Evidências bibliométricas do reconhecimento científico em resenhas e entrevistas". *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, vol. 18, 2019, e020037.
- Hayashi, Maria Cristina Piumbato Innocentini. "Obituários acadêmicos: análise de homenagens póstumas da ciência em periódicos científicos". *Ciência da Informação*, 2021, vol. 50, p. 70-88.
- Hayashi, Maria Cristina Piumbato Innocentini. "Epígrafes no sistema de recompensas da ciência: notas teóricas e modelo de análise". *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, vol. 20, 2022, e022004.
- Helmenstine, Anne Marie. "Elements named for people: elements eponyms". *ThoughtCo*, Dec. 2019, <https://www.thoughtco.com/elements-named-after-people-604310>. Acessado 23 maio 2022.
- Jasienski, M. "Garfield's demon and 'surprising' or 'unexpected' results in science". *Scientometrics*, vol. 78, no. 2, 2009, pp. 347-353.
- Kawarcka, Wioleta. "The decline in the use of medical eponyms associated with the Nazi regime: a case study of changes in the International Classification of Diseases of the World Health Organization." *Beyond Philology*, vol. 18, no. 1, 2021, pp. 77-102.
- Koehler, Peter J. "Eponymous women in Neurology". *World Neurology*, vol. 32, no. 4, 2017.
- Kondziella, Daniel. "Thirty neurological eponyms associated with the Nazi era". *European Neurology*, vol. 62, no. 1, 2009, pp. 56-64.
- Koshlakov, Dimitri, et al. "Eponyms in science terms: epistemological aspect". *SHS Web of Conferences*, vol. 72, 2019, pp. 1-6.
-
- Hayashi, Maria Cristina Piumbato Innocentini. Epônimos em textos científicos: apontamentos teóricos. *Brazilian Journal of Information Science: Research trends*, vol.16, publicação contínua, 2022, e02159. DOI: 10.36311/1981-1640.2022.v16.e02159.

- Latour, Bruno. "Scientific objects and legal objectivity". *Anthropology, and the constitution of the social: making persons and things*. Edited by Alain Pottage, and Martha Mundy. Cambridge University Press, 2004. pp. 3-114.
- Lederberg, Joshua. "Reply to H. V. Wyatt". *Nature*, vol. 239, sept. 1972, pp. 234.
- MacLean, Sarah. "Letters to the Editor: The gender gap in medical eponyms: a USMLE Step 1 Content Analysis". *Academic Medicine*, vol. 95, no. 5, may 2020, pp. 666-667.
- Matteson, Eric L., and Woywodt, Alexander. "Eponymophilia in Rheumatology". *British Journal of Rheumatology*, vol.45, no 11, 2006, pp. 1328-1330.
- McCain, Katherine C. "Eponymy and obliteration by incorporation: the case of the 'Nash Equilibrium'". *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, vol. 62, no. 7, 2011, pp. 1412–1424.
- McCain, Katherine C. "Assessing obliteration by incorporation: issues and caveats". *Journal of American Society for Information Science and Technology*, v. 63, n. 11, 2012, pp. 2129-2139.
- McCain, Katherine C. "Obliteration by incorporation". *Beyond bibliometrics: harnessing multidimensional indicators of scholarly impact*. Edited by Blaise Cronin, and Cassidy Sugimoto. MIT, 2014a. pp. 129-149.
- McCain, Katherine C. "Assessing obliteration by incorporation in a full-text database: JSTOR, Economics, and the concept of 'bounded rationality'". *Scientometrics*, vol. 101, no. 2, 2014b, pp. 1444-1459.
- McCain, Katherine C. "Nothing as practical as a good theory" does Lewin's Maxim still have salience in the applied social sciences? *Proceedings of the 78th ASIS&T Annual Meeting*, St. Louis, Missouri, 2015, pp.1-4.
- Merton, Robert King. "Priorities in scientific discovery: a chapter in the Sociology of Science". *American Sociological Review*, vol. 22, no. 6, 1957, pp. 635-659.
- Merton, Robert King. *On the shoulders of giants: a shandean postscript*. Free Press / Macmillan, 1965.
- Merton, Robert King. "The Matthew Effect in science". *Science*, vol. 159, no. 3810, 1968, pp.56-63.
- Merton, Robert King. "Insiders and outsiders: a chapter in the sociology of knowledge". *American Journal of Sociology*, vol. 78, no. 1, 1972, pp. 9-47.
- Merton, Robert King. *The Sociology of Science: theoretical and empirical investigations*. Chicago University Press, 1973.
- Merton, Robert King. "Foreword". *Citation indexing: its theory and application in Science, Technology, and Humanities*. Edited by Eugene Garfield. Wiley, 1979. pp. v-ix.
-
- Hayashi, Maria Cristina Piombato Innocentini. Epônimos em textos científicos: apontamentos teóricos. *Brazilian Journal of Information Science: Research trends*, vol.16, publicação continua, 2022, e02159. DOI: 10.36311/1981-1640.2022.v16.e02159.

- Merton, Robert King. "The Matthew Effect in science, II: cumulative advantage and the symbolism of intellectual property". *Isis*, vol. 79, no. 4, 1988, pp.606-623.
- Merton, Robert King. "The Thomas theorem and the Matthew Effect". *Social Forces*, vol. 74, no. 2, dec. 1995, pp. 379-422.
- Messeri, Peter. "Obliteration by incorporation: toward a problematic, theory and metric of the use of scientific literature". *Annual Meeting of the American Sociological Association*, New York, sept. 1978.
- Mills, Charles Wright. *A imaginação sociológica*. Zahar Ed., 1982.
- Morson, Gary Saul. *The words of others: from quotations to culture*. Yale University Press, 2011.
- Nagornaya, Alexandra. "COVID-19 and the eponymic controversy in contemporary medical terminology", *Tomsk State University Journal*, vol. 455, 2020, pp. 25-31.
- Newmark, Peter "Names not to be forgotten". *Nature*, vol. 303, 1983, pp.749.
- Nieradko-Iwanicka, Barbara. "National eponyms in medicine". *Reumatologia*, vol. 58, no. 16, 2020, pp. 56-57.
- Pizzani, Luciana, et al. "A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento" *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, vol. 10, no. 2, 2012, pp. 53-66.
- Ravlic, Slaven. "The eponymisation of ideological change in Croatia: 1989-2005". *Annals of the Croatian Political Science Society*, vol. 2, no. 1, 2005, pp. 105-117.
- Ruffner, James A., editor. *Eponyms dictionary index: a reference guide to persons, both real and imaginary, and the terms derived from their names*. Gale Research Press, 1977.
- Schubert, Gabor, and Schubert, András. "The eponymic use of Jorge E. Hirsch's name". *ISSI Newsletter*, vol. 15, no. 3, 2019, pp. 43-44.
- Schubert, András, et al. "Eponyms in science: fame or framed?" *Scientometrics*, vol. 127, no. 3, 2022, pp. 1199-1207.
- Segura, Julio, and Braun-Rodríguez, Carlos. *An eponymous dictionary of Economics: guide to laws and theorems named after economists*. Elgar Pub., 2004.
- Sills, David, and Merton, Robert King. *Social sciences quotations: who said what, when, and were*. MacMillan, 1991. (Encyclopedia of the Social Sciences, vol. 19).
- Silveira, Francine de Assis, and Barros, Lídia Almeida. "Estudo descritivo da estrutura morfosintática e léxico-semântica de termos eponímicos do domínio da Dermatologia". *Revista Estudos da Linguagem*, vol. 14, no. 1, 2006, pp. 175-201.

- Smith, R. S. "Giving credit where credit is due: Dorothy Swaine Thomas and the 'Thomas Theorem'". *The American Sociologist*, vol. 26, no. 4, 1995, pp. 9-28.
- Sousa, Analicia Martins de. "Leis em (com) nomes de vítimas: a ampliação do Estado polícia e a produção de subjetividades na contemporaneidade". *Estudos & Pesquisas em Psicologia*, vol. 17, no. 3, 2017, pp. 951-969.
- Stigler, Stephen. Mack. "Stigler's law of eponymy". *Transactions of the New York Academy of Sciences*, vol. 39, no. 1, 1980, pp. 147-157.
- Strous, Rael, and Edelman, Morris C. "Eponyms and the nazi era: time to remembre and time for change". *The Israel Medical Association Journal*, vol. 9, no. 3, 2007, pp. 207-214,
- Stuart-Smith, Jenny, et al. "Where are all women? (and their eponymous term?)" *Emergence Medicine News*, vol. 43, no. 3, 2021, pp. 16-17.
- Száva-Kováts, Endre. "Non-indexed eponymal citedness (NIEC): first fact-finding examination of a phenomenon of scientific literature". *Journal of Information Science*, vol. 2, no. 1, 1994, pp. 55-70.
- Thomas, Katherine S. "The development of eponymy: a case study of the southern blot". *Scientometrics*, vol. 24, no. 3, 1992, pp. 405-417.
- Trahair, Richard. *From Aristotelian to Reaganomics: a dictionary of eponyms with biographies, in the Social Sciences*. Greenwood, 1994.
- Valderrama-Zurian, Juan Carlos, et al. "Origin, characteristics, predominance, and conceptual networks of eponyms in the bibliometric literature." *Journal of Informetrics*, vol. 13, no. 1, 2019, pp. 434-448.
- Van Thassel, Sara H. et al. "Eponymous women in ophthalmology: syndromes with prominent eye manifestations named after female physicians". *Eye*, vol. 32, no. 8, 2018, pp. 1293-1295.
- Vélez-Cuartas, Gabriel. "Invisible Colleges 2.0: eponymy as a Scientometric tool". *Social Epistemology*, vol. 7, no. 3, 2018, pp. 5-8.
- Vinkler, Peter. "Characterization of the impact of sets of scientific papers: The Garfield (Impact) Factor". *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, vol. 55, no. 5, 2004, pp. 431-435.
- Weinstock, Melvin. "Citation indexes". *Encyclopedia of Library and Information Science*. Edited by Allen Kent, and Harold Lancour. M. Dekker, 1971. pp.16-40. vol.5.
- Whonamedit? *A dictionary of medical eponyms*, <https://www.whonamedit.com/> Acessado 16 abr. 2022.
- Xavier, Cesar Rey. "O epônimo de Descartes: o legado cartesiano à luz da tradição historiográfica de E. G. Boring". *Memorandum*, vol. 35, 2018, pp. 14-39.
-
- Hayashi, Maria Cristina Piumbato Innocentini. Epônimos em textos científicos: apontamentos teóricos. *Brazilian Journal of Information Science: Research trends*, vol.16, publicação contínua, 2022, e02159. DOI: 10.36311/1981-1640.2022.v16.e02159.

Zuckerman, Harriet. "Citation analysis and the complex problem of intellectual influence".
Scientometrics, vol. 12, no. 5-6, 1987, pp. 329-338.

Copyright: © 2022 Hayashi, Maria Cristina Piumbato Innocentini. This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons CC Attribution-ShareAlike (CC BY-SA), which permits use, distribution, and reproduction in any medium, under the identical terms, and provided the original author and source are credited.

Received: 22/06/2022

Accepted: 26/10/2022